

Roger Eatwell e
Matthew Goodwin

Nacional-populismo

A revolta contra a democracia liberal

TRADUÇÃO DE
Alessandra Bonrruquer

1ª edição



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2020

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa para o Brasil adquiridos pela

EDITORA RECORD LTDA.

Rua Argentina, 171 – 20921-380 – Rio de Janeiro, RJ – Tel.: (21) 2585-2000, que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-65-5587-094-7

Seja um leitor preferencial

Record.

Cadastre-se em

www.record.com.br

e receba informações sobre

nossos

lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

sac@record.com.br



Sumário

PREFÁCIO

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO 1

Mitos

CAPÍTULO 2

Promessas

CAPÍTULO 3

Desconfiança

CAPÍTULO 4

Destruição

CAPÍTULO 5

Privação

CAPÍTULO 6

Desalinhamento

CONCLUSÕES

Rumo ao pós-populismo

BREVE GUIA DE LEITURA

NOTAS

ÍNDICE

PREFÁCIO

Em grande parte do Ocidente, especialmente na Europa e nos EUA, o nacional-populismo é agora uma força séria. Nosso argumento neste livro é que, para realmente compreender esse movimento, precisamos dar um passo atrás e olhar para tendências duradouras e profundas que vêm remodelando nossas sociedades há décadas, se não mais.

Somos acadêmicos que pesquisaram esse tópico durante muitos anos. Roger Eatwell é especialista em tradições, ideias e partidos políticos, incluindo o fascismo — o qual, por razões que demonstraremos, é diferente do nacional-populismo. Matt Goodwin é um sociólogo político que analisa por que cada vez mais pessoas em todo o Ocidente estão abandonando os movimentos convencionais pelo nacional-populismo. Esperamos oferecer aos leitores um insight único sobre aquele que se tornou, em um curto período, um dos mais controversos e mal compreendidos movimentos de nossos tempos.

Muitas pessoas trabalharam ou conversaram conosco sobre essas questões. Elas são numerosas demais para nomear individualmente, mas gostaríamos de agradecer particularmente a Noah Atkinson, Jonathan Boyd, Bobby Duffy, Harold Clarke, Stefan Cornibert, David Cutts, James Dennison, James Eatwell, Judith Eatwell, Jane Farrant, Robert Ford, Craig Fowlie, David Goodhart, Oliver Heath, Simon Hix, Eric Kaufman, Marta Lorimer, Nonna Mayer, Fiona McAdoo, Caitlin Milazzo, Michael Minkenberg, Brian Neve, Mark Pickup, Jon Portes, Jacob Poushter, Jens Rydgren, Thomas Raines, Bruce Stokes e Paul Whiteley.

Por último, mas de modo algum menos importante, gostaríamos de agradecer a nosso agente literário, Charlie Brotherstone, da Brotherstone Creative Management, por seus comentários úteis e seu encorajamento; a

Chloe Currens, nossa editora na Penguin Books, que nos forneceu um conjunto extremamente útil de comentários ao esboço inicial, e a Linden Lawson, nossa proativa editora de copidesque.

Quaisquer erros ou falhas remanescentes são inteiramente nossos.

R. E. e M. G., maio de 2018

INTRODUÇÃO

Este livro discute o “nacional-populismo”, um movimento que, nos primeiros anos do século XXI, desafia cada vez mais as políticas convencionais do Ocidente. Sua ascensão ocorreu especialmente nos Estados Unidos e em muitos países europeus, mesmo aqueles nos quais a democracia liberal parecia estabelecida. Mas outras grandes e frequentemente citadas manifestações incluem a vitória de Jair Bolsonaro na eleição presidencial brasileira de 2018 (embora aqui a base social de apoio seja notavelmente diferente). Os nacional-populistas priorizam a cultura e os interesses da nação e prometem dar voz a pessoas que se sentem negligenciadas e mesmo desprezadas por elites distantes e amiúde corruptas.

É uma ideologia enraizada em correntes duradouras e profundas que vêm serpenteando sob nossas democracias e ganhando força há muitas décadas. Neste livro, exploramos essas correntes, apresentando um panorama de como a política está mudando na Europa e nos Estados Unidos. Nosso argumento mais amplo é que o nacional-populismo — e seu impacto mais amplo sobre outros partidos e sistemas políticos — chegou para ficar.

Decidimos escrever este livro em 2016, em meio a dois momentos que chocaram o Ocidente: quando o bilionário e célebre empresário Donald Trump foi oficialmente indicado como candidato republicano à presidência e então derrotou Hillary Clinton na corrida pela Casa Branca; e quando mais da metade dos eleitores britânicos surpreendeu o mundo ao votar pelo “Brexit”, escolhendo retirar seu país da União Europeia (UE), uma organização à qual se unira na década de 1970.

Poucos comentaristas previram esses resultados. Faltando apenas duas semanas para a eleição presidencial de 2016, o prognóstico eleitoral do *New York Times* afirmava aos leitores que Hillary Clinton tinha 93% de chances de

obter a presidência. Outros declararam que suas chances eram de 99% e se perguntaram se ela poderia pintar até mesmo o Texas de azul a caminho da Casa Branca.

Na Grã-Bretanha, pediu-se que mais de trezentos acadêmicos, jornalistas e pesquisadores previssem o que aconteceria no referendo de 2016 e 90% deles acharam que os eleitores britânicos escolheriam permanecer na UE. Apostar em política é legal na Grã-Bretanha e, se tivesse apostado no Brexit no dia do referendo, você teria ganhado 300 libras esterlinas pela manhã e 900 à noite. O pensamento de grupo estava certo de que “permanecer” venceria, embora muitas pesquisas online sugerissem o oposto.

O engenheiro americano William Deming disse certa vez: “Nós confiamos em Deus; todos os outros, tragam dados.” Apesar de vivermos em uma era na qual temos mais dados que nunca, dificilmente alguém consegue ler com sucesso o humor público. Achamos que isso acontece porque pessoas demais estão focando no curto prazo e falhando em levar em consideração mudanças históricas na política, na cultura e na economia que agora estão tendo profundos efeitos sobre o resultado das eleições.

Os nacional-populistas emergiram muito antes da crise financeira que irrompeu em 2008 e da Grande Recessão que se seguiu. Seus apoiadores são mais diversos que o estereotípico “velho branco e raivoso”, que, como nos dizem frequentemente, logo será substituído por uma nova geração de *millennials* tolerantes. O Brexit e Trump na verdade se seguiram à muito anterior ascensão dos nacional-populistas em toda a Europa, como Marine Le Pen na França, Matteo Salvini na Itália e Viktor Orbán na Hungria. Eles fazem parte de uma revolta crescente contra a política e os valores liberais convencionais.

Em geral, esse desafio ao mainstream liberal não é antidemocrático. Os nacional-populistas se opõem a certos *aspectos* da democracia liberal que evoluiu no Ocidente. Contrariamente a algumas reações históricas que saudaram Trump e o Brexit, aqueles que apoiam esses movimentos não são fascistas que querem destruir nossas instituições políticas centrais. Uma pequena minoria quer, mas a maioria possui preocupações compreensíveis com o fato de essas instituições não representarem a sociedade como um todo e, ao contrário, estarem se distanciando ainda mais do cidadão comum.

Logo antes de Trump chegar à Casa Branca, mais da metade dos americanos brancos sem diploma sentia que Washington não os representava,

assim como, logo antes da vitória do Brexit, quase um em cada dois trabalhadores britânicos sentia que “pessoas como eles” já não tinham voz no diálogo nacional.¹ Contra um pano de fundo de fortes escândalos sobre lobby, “dinheiro obscuro”, abuso de despesas parlamentares, discursos lucrativos para grandes bancos e “política da dança das cadeiras”, na qual ex-políticos exploram seus contatos para financiar negócios privados, é motivo de surpresa que hoje muitos cidadãos estejam questionando abertamente a confiabilidade de seus representantes?

Alguns líderes nacional-populistas, como o húngaro Viktor Orbán, falam em criar uma forma de “democracia não liberal”, o que suscita questões preocupantes sobre os direitos democráticos e a demonização dos imigrantes. Mas a maioria dos eleitores nacional-populistas quer *mais* democracia — *mais* referendos e *mais* políticos empáticos e dispostos a ouvir, que concedam *mais* poder ao povo e menos poder às elites econômicas e políticas estabelecidas. Essa concepção “direta” da democracia difere da democracia “liberal” que floresceu em todo o Ocidente após a derrota do fascismo e que, como discutiremos no capítulo 3, gradualmente assumiu um caráter mais elitista.

O nacional-populismo também suscita questões democráticas legítimas que milhões de pessoas querem discutir. Os nacional-populistas questionam a maneira pela qual as elites se tornaram cada vez mais isoladas da vida e das preocupações das pessoas comuns. Questionam a erosão do Estado-nação, que veem como único constructo capaz de organizar nossas vidas políticas e sociais. Questionam a capacidade das sociedades ocidentais de absorverem rapidamente as taxas de imigração e uma “supermudança étnica” amplamente sem precedentes na história da civilização moderna (e que, nos EUA, inclui uma grande minoria de imigrantes ilegais). Questionam por que o atual acordo econômico ocidental está criando sociedades altamente desiguais e deixando grupos inteiros de pessoas para trás e se o Estado não deveria dar prioridade ao emprego e ao bem-estar social de pessoas que passaram a vida toda contribuindo para o sistema nacional. Eles questionam as agendas cosmopolitas e globalizantes, perguntando para onde estão nos levando e que tipo de sociedade criarão. E alguns deles perguntam se todas as religiões apoiam aspectos-chave da moderna vida ocidental, como igualdade e respeito para as mulheres e as comunidades LGBT. Não há absolutamente nenhuma dúvida de que alguns nacional-populistas descambam para o racismo e a xenofobia, especialmente em relação aos muçulmanos, e que muitos possuem

valores socialmente conservadores. Mas isso não deveria nos distrair do fato de que também expressam ansiedades públicas legítimas, disseminadas por diferentes áreas.

Esse movimento precisa ser explorado como um todo porque seu caráter é internacional. Muitos de nossos debates sobre política são extremamente insulares: focamos em nosso próprio país isoladamente. Os americanos costumam interpretar Trump somente da perspectiva da política americana. Mas eles podem aprender muito com a Europa, como os nacional-populistas de lá já estão fazendo. Foi por isso que, em 2018, o antigo estrategista-chefe de Trump, Steve Bannon, fez um tour pela Europa e se reuniu com vários nacional-populistas importantes, incluindo Marine Le Pen na França, antes de fundar uma organização internacional para promover o populismo chamada Movimento. Bem antes disso, o próprio Trump mantinha laços estreitos com o apoiador do Brexit Nigel Farage, ex-líder do Partido de Independência do Reino Unido (UKIP), o qual, por sua vez, possuía laços com partidos populistas europeus, como o Alternativa para a Alemanha, que teve resultados importantes em 2017 e destruiu o antigo mito de que o populismo jamais teria sucesso em um país que deu ao mundo o nacional-socialismo.²

Outras figuras populistas controversas visitam frequentemente os EUA, como Geert Wilders, da Holanda, que infamemente alega que a Europa está sendo “islamizada” e conseguiu apoio de membros republicanos do Congresso como Steve King; e os membros da dinastia Le Pen, da França, que vieram aos EUA para a Conferência de Ação Política Conservadora. No Parlamento Europeu, nacional-populistas de países como Grã-Bretanha, França, Itália, Hungria e Polônia se dividem em agrupamentos parlamentares, mas, em anos recentes, vimos um notável crescimento de sua representação. Durante as eleições de 2019 para o Parlamento Europeu, esses partidos aumentaram seu número de assentos para recorde 16%, e Salvini vem trabalhando para fortalecer sua cooperação no nível pan-europeu (embora alguns, como o Lei e Justiça da Polônia, permaneçam em outros grupos). Se olhasse apenas para Trump ou para o Brexit, você não perceberia as tendências mais amplas.

Por que este livro é necessário?

Trump, o Brexit e as rebeliões na Europa alimentaram uma explosão de

interesse no populismo: o que é, quem vota nele e por que é importante. Em anos futuros, haverá incontáveis livros, artigos e, sem dúvida, filmes sobre essas cruzadas políticas conduzidas em nome do povo — que Trump chama de “maioria silenciosa”, Farage de “exército do povo” e Le Pen de “França esquecida”.

Mas vemos problemas na forma como esse debate ocorre atualmente. Ele é frequentemente distorcido por suposições falhas, vieses e uma obsessão esmagadora com o curto prazo, com o aqui e agora. Muito do que é escrito inclui afirmações errôneas sobre as raízes e os apoiadores do nacional-populismo, como a ideia de que essa turbulência é meramente um protesto passageiro em resposta à crise financeira que irrompeu em 2008, à austeridade que se seguiu ou à crise dos refugiados que varre a Europa desde 2014. Essas são ideias reconfortantes para pessoas que se agarram à crença de que a “vida normal” retornará em breve, assim que o crescimento econômico for retomado e o fluxo de refugiados diminuir ou parar. Mas tais ideias estão erradas.

Muitos escritores que afirmam ser imparciais também acham difícil não ser influenciados por sua própria simpatia pela política liberal e de esquerda (nos EUA, “liberal” frequentemente é usado como sinônimo de “esquerda”, em vez de no sentido histórico de defesa da liberdade e dos direitos individuais, que os americanos chamam de “libertarianismo”). Isso não significa que *todo mundo* que escreve sobre populismo seja tendencioso. Tem havido contribuições importantes. Acadêmicos que podem não ser familiares para alguns leitores, como Piero Ignazi e Jens Rydgren, indicaram como essas revoltas na Europa vêm sendo preparadas há muito tempo. Pensadores como Margaret Canovan demonstraram que o populismo é uma forma alternativa de política democrática e ficará conosco enquanto tivermos democracia. Mas muitos são rápidos demais em condenar, em vez de refletir, aceitando estereótipos que correspondem à sua própria visão, em vez de desafiar essas alegações consultando evidências reais.

Considere algumas reações comuns à eleição de Trump. David Frum, ex-redator de discursos de George W. Bush, escreveu sobre a “trumpocracia”, que ele vê como ameaça autoritária à democracia liberal e à paz mundial, liderada por um presidente que acusou Hillary Clinton e o “pântano de Washington” de corrupção endêmica antes de estabelecer sua própria cleptocrática e nepotista Casa Branca.³ Ou os psicólogos profissionais que se

adiantaram para diagnosticar o comportamento de Trump — a despeito da proibição da Associação Americana de Psiquiatria de diagnosticar políticos que não foram pessoalmente avaliados — como sintomático de problemas fundamentais como raiva, narcisismo maligno e uma impulsividade que suscita questões importantes sobre sua capacidade de governar e salvaguardar a paz mundial.⁴ Há boas razões para nos preocuparmos com Trump em termos de caráter, julgamento ético e temperamento, incluindo sua tendência de publicar alegações não verificadas no Twitter. Contudo, focar em sua personalidade não é a chave para entendermos as raízes populares da revolta que alimentou sua ascensão e a ascensão de outros como ele na Europa e em outros lugares (embora suscite dúvidas legítimas sobre quão sensatas são algumas de suas políticas).

Apesar de a maioria dos nacional-populistas na Europa não possuir cargo oficial, eles estão sujeitos a praticamente o mesmo tratamento. São desdenhados como extremistas cuja política autoritária e racista representa uma séria ameaça à democracia liberal e às minorias. Ainda mais danoso, muitos alegam que eles são “fascistas” — precursores de uma perigosa renovação da ditadura. Logo antes da eleição presidencial de 2017 na França, a revista americana *Vanity Fair* perguntou: “Marine Le Pen pode tornar o fascismo dominante?”, a que um proeminente intelectual francês, Bernard-Henry Lévy, replicou que a “França não está pronta para um regime fascista hoje”, implicando que poderia estar em breve.⁵

Nos debates populares, o termo “fascista” degenerou em pouco mais que um insulto. Mas as preocupações com Trump significam que o uso dessa “palavra-bomba” se estendeu até mesmo a historiadores especializados nos turbulentos anos do entreguerras. O historiador de Yale Tim Snyder alertou sobre a possibilidade de tirania, comparando as reuniões coreografadas, machistas e narcisistas da campanha de Trump em 2016 aos comícios nazistas, acrescentando que sua mentirosa “pós-verdade é pré-fascismo”. A historiadora da Universidade de Nova York Ruth Ben-Ghiat alegou que os ataques de Trump a aspectos-chave da democracia liberal, como a liberdade judiciária e de imprensa, significam que os americanos “não podem excluir a intenção de levar adiante algum tipo de golpe” e que sua agressiva “*blitzkrieg* [...] nos força a tomar partido”. Outros indicam o risco de insidioso autoritarismo através de políticas como indicações conservadoras para os tribunais, o que é mais plausível, embora essa visão seja baseada amplamente

em especulação polêmica, e não em análise cuidadosa do retrato mais amplo (incluindo o fato de os democratas terem feito grandes avanços nas eleições de 2018 para a Câmara dos Representantes, pondo fim ao controle republicano do Congresso).⁶ Muito frequentemente o foco está no que *poderia* acontecer, e não no que está *realmente* acontecendo.

Entrementes, aqueles que votam nos nacional-populistas são ridicularizados e chamados de *hillbillies* [“matutos”], *rednecks* [“caipiras”], *chavs* [“maloqueiros”] ou *little englanders* [“provincianos”]. Hillary Clinton descreveu metade dos apoiadores de Trump como “cesta de deploráveis”, pessoas cujas visões são “racistas, sexistas, homofóbicas, xenofóbicas, islamofóbicas, pode escolher”. Na Grã-Bretanha, o primeiro-ministro David Cameron desdenhou daqueles que favoreciam o Brexit como bando de “malucos, lunáticos e racistas enrustidos”, e colunistas de importantes jornais urgiram os políticos de Westminster a virar as costas para as áreas em situação difícil na Inglaterra que estavam prestes a apoiar o Brexit. Hoje vivemos em uma era na qual cada vez mais pessoas fazem campanha para garantir que direitos, dignidade e respeito sejam concedidos a todos na sociedade, mas é difícil imaginar qualquer outro grupo sendo tratado com tanto desdém.

Nossa obsessão coletiva com o curto prazo está dificultando nosso raciocínio. Por que Trump foi eleito? Por que as pessoas escolheram o Brexit? Por que milhões de pessoas na Europa estão votando nos nacional-populistas? As respostas a essas perguntas rotineiramente falham em apreciar as correntes mais profundas que vêm serpenteando sob nossas democracias.

A vitória de Trump foi amplamente atribuída a uma variedade de fatores no “aqui e agora”: a influência de Steve Bannon, que defendeu uma posição mais populista e patriarcal durante os estágios finais da corrida presidencial de 2016; um suposto conluio com a Rússia (acusação declarada sem comprovação pelo Relatório Mueller de 2019, embora se revelasse uma tentativa presidencial de obstruir a investigação); e manipulação, apoiada pela Rússia, de mídias sociais como Facebook e Twitter. Independentemente da veracidade dessas alegações, a obsessão com o curto prazo nada diz sobre por que tantos americanos se sentiram tão alienados do mainstream ou por que, como demonstraram as pesquisas, os americanos brancos sem diploma estavam passando para o lado dos republicanos muito antes de Trump sequer anunciar sua candidatura.

Similarmente, desde a vitória do Brexit, aqueles que queriam que a Grã-

Bretanha permanecesse na UE sugeriram que os velhos trabalhadores brancos que viviam longe da cosmopolita Londres eram estúpidos demais para reconhecer as maravilhas da integração e da imigração europeias. Alguns argumentaram que o Brexit só venceu porque a Rússia usou *bots* online para manipular as mídias sociais ou que, durante a campanha, seus defensores “mentiram” ao dizer que o Brexit permitiria que os pagamentos para a UE, de até 350 milhões de libras esterlinas por semana, fossem redirecionados para o Serviço Nacional de Saúde da Grã-Bretanha, que passava por dificuldades. Mais uma vez, independentemente da validade dessas alegações, o foco no curto prazo nos impede de dar um passo atrás e apreciar as tendências mais amplas que tornaram possível esse momento político radical.

O Brexit e Trump foram rapidamente colocados lado a lado em debates internacionais sobre a “reação da classe trabalhadora branca”. Mas a observação mais atenta das evidências, como veremos no próximo capítulo, revela como essas conclusões simplistas estão longe da realidade. Escritores em todo o Ocidente agora fazem alegações abrangentes sobre as pessoas que votam nos nacional-populistas, mas dificilmente algum deles escrutina o grande corpo de evidências que se acumulou nas ciências sociais nos últimos quarenta anos. Breves visitas jornalísticas ao cinturão da ferrugem ou a algumas das cidades costeiras em deterioração na Inglaterra resultam no retrato de preconceituosos rústicos ou velhos brancos. Mas muitos dos eleitores de Trump são relativamente ricos e, na Europa, muitos daqueles que apoiam os nacional-populistas não são nem racistas ignorantes nem particularmente idosos. Alguns são até mesmo pró-LGBT, mas, ao mesmo tempo, suspeitam profundamente da habilidade do Islã de se conformar à democracia liberal.

A busca por “um tipo” de apoiador e “um motivo” tampouco é útil. Trump e o Brexit atraíram uma ampla e frouxa aliança de conservadores sociais de classe média e trabalhadores que, juntos, rejeitaram os conselhos das elites globais representadas por David Cameron, educado em escolas particulares e aluno de Oxford, e por Barack Obama, que frequentou duas universidades da Ivy League e falava com o claro sotaque e a fluência de um professor de Direito da Costa Leste.

Trump atraiu não somente trabalhadores manuais que estavam preocupados com a imigração, mas também republicanos convencionais razoavelmente abastados e um em cada três homens latinos, com notável

apoio de minorias específicas, como os cubano-americanos. O Brexit venceu não somente nos 140 distritos intensamente operários que historicamente votaram no Partido Trabalhista, de esquerda, sendo endossado também por um em cada três eleitores negros ou pertencentes a minorias étnicas e quase metade daqueles com idade entre 35 e 44 anos.

O desejo de tirar a Grã-Bretanha da UE era majoritário não somente em condados conservadores brancos e prósperos, como Hampshire, mas também em áreas etnicamente diversas como Birmingham, Luton e Slough. Nessas comunidades, as minorias estabelecidas viam os trabalhadores imigrantes de outros países-membros da UE como ameaça a suas próprias posições e como beneficiários de tratamento preferencial em detrimento de seus próprios familiares e amigos, que desejavam imigrar de fora da Europa. As manchetes que gritam “Reação zangada da classe trabalhadora branca” ignoram essas nuances.

Sempre haverá perguntas intrigantes sobre o que *poderia* ter acontecido. Se Hillary Clinton tivesse conduzido uma campanha menos presunçosa, se tivesse inspirado mais *millennials* com nível superior e afro-americanos a votar, se tivesse investido mais esforço nos 209 condados que votaram duas vezes em Obama antes de mudar para Trump, se tivesse iniciado um diálogo mais significativo com os brancos sem diploma nos estados-chave do cinturão da ferrugem, que superavam facilmente os diplomados, as coisas poderiam ter sido diferentes.

Na Grã-Bretanha, se Boris Johnson, o carismático político conservador e admirador de Winston Churchill, não tivesse tomado a tardia decisão de fazer campanha pelo Brexit, se o Brexit não tivesse recebido um estímulo surpresa de quase 2 milhões de “não eleitores” que tendiam a evitar a política e se os estrategistas da permanência na UE não tivessem tomado a decisão consciente de ignorar completamente a questão da imigração, principal preocupação dos que queriam sair, a Grã-Bretanha poderia ter permanecido na UE.

Observe também as eleições europeias de 2019, que demonstraram diferenças específicas a cada país. Os nacional-populistas venceram na Grã-Bretanha, na forma do novíssimo Partido Brexit de Farage, na Hungria, na Polônia e na Itália, onde os 34% de votos da Liga foram o dobro do resultado obtido nas eleições gerais de 2018. Essa foi uma notável realização para um partido que começou como “Liga Norte”, apoiando o separatismo da “ladra Roma” e que obteve somente 6% dos votos em 2014. Mas o Partido do Povo

dinamarquês caiu do primeiro para o terceiro lugar e, embora tenha avançado em comparação a 2014, o Alternativa para a Alemanha regrediu em relação a seu desempenho nas eleições gerais de 2017.

Na política, sempre haverá “e se”, e certamente é necessário estudar os fatores contextuais, como líderes, campanhas e cobertura da mídia (incluindo como os oponentes respondem aos nacional-populistas). Por exemplo, Bolsonaro e Trump exploraram a imagem de homens fortes “autênticos” e usaram amplamente as mídias sociais em campanhas negativas para a presidência, incluindo ataques aos veículos de imprensa tradicionais, “divulgadores de *fake news*”. Um estudo do *Guardian* descobriu que, durante as eleições presidenciais brasileiras, a vasta maioria das informações falsas no WhatsApp, que tem 100 milhões de usuários brasileiros, favorecia Bolsonaro. Mas a ênfase indevida em tais fatores é inútil, porque nos impede de chegar a uma compreensão mais profunda e sofisticada sobre exatamente *por que* nosso mundo político está em tal estado de flutuação. Mesmo que as coisas tivessem sido diferentes, o apoio ao Brexit e a Trump ainda teria sido forte. Marine Le Pen foi anulada quando não conseguiu se tornar presidente da França, mas ainda precisamos entender por que ela atraiu um em cada três eleitores franceses, incluindo muitos com menos de 40 anos.

Para realmente entender o que está acontecendo, precisamos traçar as origens dessas revoltas populares. Neste livro, em vez de examinar movimentos e líderes individuais, focaremos no retrato mais amplo e defenderemos dois argumentos gerais.

Os “quatro Ds”*

Não podemos compreender essas revoltas sem entender como tendências mais antigas vêm remodelando a política ocidental há décadas. O nacional-populismo gira em torno de quatro mudanças sociais profundamente enraizadas que causam crescente preocupação entre milhões de pessoas no Ocidente. Nós nos referimos a essas quatro mudanças históricas como os “quatro Ds”. Elas frequentemente são baseadas em queixas legítimas e é improvável que se desvançam no futuro próximo.

A primeira é a maneira como a natureza elitista da democracia liberal promoveu a *desconfiança* dos políticos e das instituições e alimentou a sensação, entre grande número de cidadãos, de que já não possuem voz no

diálogo nacional. A democracia liberal sempre buscou minimizar a participação das massas. Mas, em anos recentes, a distância cada vez maior entre os políticos e os cidadãos comuns levou a uma maré crescente de desconfiança, não somente dos partidos convencionais, mas também de instituições como o Congresso americano e a União Europeia, uma tendência claramente mapeada por pesquisas e outros dados. Jamais houve uma era dourada na qual os sistemas políticos representaram todos os membros da sociedade e, nos últimos anos, passos importantes foram dados para assegurar que grupos historicamente marginalizados, como mulheres e minorias étnicas, tivessem mais voz nas legislaturas. Mas, ao mesmo tempo, muitos sistemas políticos se tornaram menos representativos de grupos-chave, levando muitos a concluir que não possuem voz e conduzindo à virada para o nacional-populismo.

A segunda é como a imigração e a supermudança étnica estão contribuindo para os fortes medos sobre a possível *destruição* das comunidades, da identidade histórica do grupo nacional e dos modos estabelecidos de vida. Esses medos estão embebidos na crença de que políticos culturalmente liberais, organizações transnacionais e finanças globais estão erodindo a nação ao encorajar a imigração em massa e que as agendas “politicamente corretas” buscam silenciar qualquer oposição. Essas preocupações nem sempre são fundamentadas na realidade objetiva, como refletido pelo fato de que se manifestam não somente em democracias que experimentaram rápidas e profundas mudanças étnicas, como a Grã-Bretanha, mas também naquelas que possuem níveis muito mais baixos de imigração, como a Hungria e a Polônia. Mesmo assim, elas são potentes e o serão ainda mais conforme as mudanças étnicas e culturais continuam a varrer o Ocidente nos anos vindouros.

A terceira é a maneira como a economia globalizada neoliberal atizou a forte sensação do que os psicólogos chamam de *privação* relativa, como resultado das crescentes desigualdades de renda e riqueza no Ocidente e da falta de fé em um futuro melhor. Embora muitas pessoas que apoiam o nacional-populismo tenham empregos e rendas médias ou acima da média (mesmo que seus empregos sejam inseguros), a transformação econômica do Ocidente alimentou uma forte sensação de *privação* “relativa”, a crença, entre certos grupos, de que estão perdendo *em relação aos outros*. Isso significa que temem pelo futuro e pelo que jaz à frente para si mesmos e para seus filhos.

Essa profunda sensação de perda está intimamente relacionada à maneira como pensamos sobre questões como imigração, identidade e confiança nos políticos.

Hoje há milhões de eleitores convencidos de que o passado era melhor que o presente e, por mais sombrio que seja, o presente ainda é melhor que o futuro. Eles não fazem parte da subclasse branca desempregada ou dos beneficiários dos programas de bem-estar social. Se o nacional-populismo dependesse do apoio dos desempregados, lidar com ele seria mais fácil: bastaria criar empregos, especialmente empregos com salários decentes que oferecessem segurança no longo prazo. Mas a maioria das pessoas nessa categoria não está no degrau mais baixo da escada; no entanto, partilham da intensa crença de que o arranjo atual já não funciona para elas e que outros estão sendo priorizados.

Os líderes nacional-populistas se alimentam dessa profunda insatisfação, mas seu caminho até o mainstream também foi aberto por uma quarta tendência: os elos cada vez mais fracos entre os partidos dominantes tradicionais e as pessoas, ou o que chamamos de *desalinhamento*. A era clássica da democracia liberal foi caracterizada por uma política relativamente estável, partidos convencionais fortes e eleitores leais; vimos o fim dessa era. Muitas pessoas já não estão fortemente alinhadas ao mainstream. Os elos estão se rompendo. Esse desalinhamento está tornando os sistemas políticos ocidentais muito mais voláteis, fragmentários e imprevisíveis do que em qualquer outro momento da história da democracia de massa. A política hoje parece mais caótica e menos previsível do que no passado porque de fato é. Essa tendência também é muito antiga e ainda tem um longo caminho a percorrer.

Juntos, os “quatro Ds” abriram considerável espaço para os nacional-populistas, ou o que chamamos de “reservatório de potencial”: grande número de pessoas que já não se identificam com os políticos estabelecidos e que sentem que não têm voz na política, que a imigração crescente e a rápida mudança étnica ameaçam seu grupo nacional, sua cultura e seu modo de vida, e que o sistema econômico neoliberal as está deixando para trás em relação a outros na sociedade.

Tais tendências precisam ser analisadas em conjunto, não apresentadas como abordagens concorrentes. Dizemos isso porque, infelizmente, há no Ocidente um inútil debate sobre o populismo que joga os fatores uns contra

os outros, como se eles fossem mutuamente excludentes. Trata-se de economia ou de cultura? De empregos ou de imigrantes? De austeridade ou de nacionalismo?

A realidade, claro, é que nenhum fator isolado pode explicar a ascensão de tais movimentos complexos em países com tradições muito diferentes, como o passado comunista autoritário da Hungria e o longo governo militar, a corrupção endêmica e a violência no Brasil. Mesmo assim, alguns, como o jornalista John Judis, argumentam que toda essa mudança envolve “economia, não cultura”, enquanto outros, como os acadêmicos Ronald Inglehart e Pippa Norris, sustentam que se trata de “cultura, não economia”.⁷ A primeira abordagem afirma que a preocupação das pessoas com questões como a imigração é somente subproduto de sua aflição econômica. A segunda defende que a preocupação das pessoas com questões de identidade opera independentemente de seu ambiente econômico, como pode ser visto no fato de que muitas das que se preocupam com a imigração não são pobres e muitas das que votam nos nacional-populistas estão empregadas e frequentemente são qualificadas.

Mas esse debate binário é de pouca ajuda: a vida real não funciona assim. Ele é simplista demais e ignora o fato de que preocupações sobre cultura e economia podem interagir e frequentemente o fazem. A abordagem de longo prazo que adotamos também é diferente dos argumentos populares que traçam uma linha reta do tumulto político até a crise financeira, a Grande Recessão e a crise da dívida pública na Europa. Muitos na esquerda liberal gostam do argumento porque ele coloca a economia no centro do palco, apresentando Trump como subproduto da desigualdade gerada pela crise ou os populistas da Europa como reação à dura austeridade que foi imposta às democracias após pressão de instituições transnacionais não eleitas como o Banco Central Europeu ou o Fundo Monetário Internacional (FMI).

Contudo, alguns países muito afetados pela recessão e pelas subsequentes diretivas de austeridade da UE, notadamente Irlanda, Portugal e Espanha, não geraram movimentos populistas significativos de nenhum tipo, embora, na Espanha, tenham ocorrido muitas mudanças em 2018—2019 e, em 2019, a personalidade tenha ajudado André Ventura, líder do novo Partido Chega, a se tornar o primeiro nacional-populista no Parlamento português.

Não há dúvida — como veremos — de que os eventos sísmicos da crise e de seus efeitos colaterais subsequentes exacerbaram as profundas divisões